
ENTREVISTA 1 – E1

E – Vamos começar a nossa entrevista... Portanto, sexo feminino, e a idade é?

E1 – 29 anos!

E – E qual é o teu grau académico?

E1 – Bem, então... Aaa... pela Calouste Gulbenkian sou licenciada em enfermagem, e depois tirei um Mestrado de Ciências da Educação, com especialização em Formação de Adultos, na Faculdade de Psicologia, de Lisboa.

E – Relativamente, então ao teu percurso de formação... Mais especificamente, em relação à tua formação de base... Diz-me qual é que achas que foi o contributo do Curso de Enfermagem, para a função de orientar alunos em estágio...

E1 - Então, sendo a enfermagem um curso essencialmente de teor prático... Aaa... E que, para mim, acredito que é o melhor modo de formar novos profissionais... Porque, desta forma eles conseguem conhecer a realidade que os espera, de uma forma precoce. Ou seja, têm estágios logo desde o primeiro ano do curso, o que lhes permite entrar logo em contacto, desde muito cedo com a realidade que os espera quando acabarem o curso... (risos) Ou seja, dou muito valor à chamada formação em alternância... A mim, parece-me que na nossa profissão, este tipo de formação é a melhor solução de aprendizagem... Quanto mais cedo se relacionar os conteúdos teóricos aprendidos em sala de aula, com o que de facto se pode fazer na prática, mais cedo se toma consciência do desafio e do trajecto profissional que queremos escolher... E isso, depende dos estágios do curso... Por isso, eu dou muita importância aos estágios que fiz enquanto aluna, tive vários orientadores, uns mais profissionais que outros, uns com mais jeito para ensinar técnicas, outros com mais jeito para ensinar coisas a nível relacional (a relação com o doente, etc)... Por aí fora... E estando no papel de aluna em estágio, eu própria fui sentindo e vendo a forma como os meus orientadores me orientavam... E ía-me interrogando sobre o porquê de gostar mais de um orientador, do que outro,

ou o porquê de aprender mais com um, do que com outro... Ou seja, durante o curso fui construindo mais ou menos, mentalmente, como é que eu gostaria ou deveria ser quando chegasse a minha vez de orientar alunos. Ainda hoje, me lembro de certas atitudes dos meus orientadores da altura... Portanto, durante o curso propriamente dito... Aaaa... Teoricamente, não aprendi nada em sala de aula acerca do assunto “orientação de alunos”, o que consegui reunir e aprender, foi fruto da minha experiência como aluna orientanda em Ensino Clínico... (risos)

E – E agora em relação á Formação Continua... Fizeste algum tipo de formação no âmbito da Formação em geral... E na orientação de alunos em particular?

E1 – Olha... Curso específico de orientação de alunos... Não! Nunca frequentei nenhum... Agora, posso te dizer que... Aaaa... Quando acabei a Licenciatura, senti necessidade de prosseguir os estudos... Porque, o curso de Enfermagem é um Curso muito intensivo, e depois quando acabei o curso e comecei a trabalhar... Aaaa... Pensava: e agora?... Sei lá! Parece que me começava a sentir parada no tempo... Aaaa... Do género... Aaa... Comecei a sentir-me vazia! E foi então que resolvi apostar num Mestrado! Escolhi as Ciências da Educação porque, é de facto uma área que eu gosto! E foi assim! E não estou nada arrependida... Gostei mesmo muito de o fazer, aprendi imensas coisas, abri os olhos para outras... O Mestrado fez-me bem! Olha... aprendi a fazer investigação a sério... No meu caso, a minha Dissertação, dentro da área da Formação de Adultos (que era a área de especialização do Mestrado), foi virado para a Formação Inicial em Enfermagem... Tinha a ver com o porquê de os recém-formados escolherem a Saúde Comunitária, em vez de uma carreira hospitalar...

E – Ok... E em que medida é que toda essa formação contribuiu para a tua função de orientadora de alunos?

E1 – O facto de ter feito o Mestrado, e o facto de empreender um trabalho de investigação, leva uma pessoa a questionar inúmeras realidades, que até aquele ponto, eram tidas como verdades inabaláveis... Tipo dogmas... (risos) E tu, quando investigas, tens que tocar todos os pontos relacionados com a investigação propriamente dita... Quer esses pontos sejam fortes ou frágeis... A investigação tem que ser cuidada, tem que seguir as regras da ética mas,

nada é constante e inalterável na vida... Hoje esta realidade é assim... Amanhã já será de outra forma diferente... Por isso, a investigação tem que ser contínua... Ou seja, para mim, a maior vantagem de ter prosseguido os estudos foi o facto de aprender que o mundo está em constante transformação e nós temos o papel de nos adaptarmos a essas transformações, e a resposta duma boa adaptação está na aposta na investigação, é através dela que conseguimos adaptar e evoluir na vida. Hoje em dia, eu reflecto muito mais... Neste caso, reflecto muito mais a nível dos contextos e da própria prática de enfermagem, nos cuidados prestados, na forma como se prestam os cuidados, etc... E é esta filosofia profissional, que eu defendo como orientadora, e é esta mesma filosofia que eu tento transmitir quer aos meus alunos em sala de aula, quer aos alunos que tenho vindo a orientar... E, portanto, é dentro desta perspectiva que eu tenho orientado alunos, tentando logicamente, ao mesmo tempo, corresponder aos objectivos de estágio estipulados para cada tipo de estágio... (risos)

E – E no que diz respeito ao teu investimento na Auto-Formação?

E1 – Bem... O meu investimento na Auto-Formação, passa muito por olhar todos os dias (ou quase!!)... (risos) ... Para o que faço, e também para o que os colegas fazem... Por exemplo, de uma forma informal, posso aprender várias coisas com os meus colegas que também orientam alunos... Ou seja, por vezes basta olhar para o modo como os colegas orientam ou coordenam o ensino dos alunos que têm... Aaa... É interessante perceber como gerimos de diferentes maneiras, os mesmos conteúdos... Porque temos alunos da mesma escola, a fazer o mesmo estágio, e eu e esse meu colega para fazermos a mesma coisa – que é orientar – fazemos as coisas de maneira completamente diferente... Não é que um esteja a fazer bem, e outro a fazer mal... É como se a meta fosse a mesma mas, cada um toma o seu caminho, o caminho que acha que é melhor para atingir essa tal meta... E eu acho interessante observar isso, e depois comparar isso com a minha própria maneira de orientar... Sei lá, isto é apenas um exemplo, de como eu acabo por apreender ou aprender novas formas de orientação, ou pequenas dicas para melhorar a minha estratégia de orientação... E por outro lado, é lógico, que a minha experiência como docente, que faço em paralelo, também ajuda em muito, a entrada no mundo dos estudantes, e no mundo académico... E deste modo,

como estou a par destas duas realidades: a Escola-Teoria e o Estágio-Prática... Consigo percepcionar que estas duas realidades não deviam estar tão distantes uma da outra, como, de facto, estão...

E – E agora diz-me... Em relação ao teu Projecto Profissional... Contemplas a área da Formação/Orientação de alunos?

E1 – Claro que sim! A área da Formação é a minha área de eleição no campo da Enfermagem... Apesar de não querer (pelo menos tão cedo), largar a carreira da prestação de cuidados... O meu desejo é o de poder continuar em simultâneo, a poder prestar cuidados na área que eu gosto, na Pediatria, portanto... E poder continuar a ser docente da Escola, nas cadeiras relacionadas com a Pediatria, de preferência, e poder também continuar a ser responsável pela orientação, supervisão e avaliação dos alunos nos diversos Ensinos Clínicos inerentes ao Curso de Enfermagem, do qual eu sou docente...

E – Ok... Revendo agora o teu trajecto ou percurso profissional... Há quanto tempo começaste a trabalhar?

E1 – Há quase 7 anos! Faz este ano 7 anos... em Setembro! (risos)

E – E qual foi o teu percurso desde que começaste a trabalhar? Onde iniciaste a carreira? Por onde passaste?

E1 – Oooh...! É muito simples! Trabalho desde sempre no SUP! Desde que acabei o curso até hoje... E depois, aí em 2000, 2001, mais coisa menos coisa... trabalhei também na PT! PT-ACS, ou seja... Aaa... Portugal Telecom – Associação de Cuidados de Saúde! É isso! (risos)

E – Mas então trabalhaste na PT, em duplo emprego? Foi?

E1 – Sim! Era mais ou menos meio horário... Dava apoio às consultas de Plástica e Cirurgia Vasculuar...

E – Quais os cargos e funções que desempenhaste até hoje?

E1 – O de Enfermeira de nível 1, o estipulado na carreira... huum... Bem, neste momento já estou à espera de subir a graduada... Porque, como já tenho mais de 6 anos de profissão... Bem, mas a diferença de funções não é muito relevante... (risos)... a única coisa que muda mesmo é o facto que, ... Aaa, sendo graduada já me pode ser exigido chefia de equipa... (risos)

E – E actualmente? Só estás no SUP?

E1 – Como enfermeira prestadora de cuidados gerais... Sim! Mas, estou há cerca de 3 anos a dar aulas na ERISA... que é a Escola de Enfermagem Ribeiro Sanches... Aaa... Quer dizer... Comecei por ser orientadora de ensinamentos clínicos, do 1º ano do curso e do 3º. Ou seja, orientei (e hoje também ainda faço isso)... Orientei alunos do 1º ano, no 1º estágio, ou seja aquele que se chama de introdução à Prática Clínica e, em que tinha que lá estar com eles... Aaa... Era presencial... E, orientei e oriento, alunos do 3º ano, no Estágio de Saúde Infantil e Pediátrica... Neste, já não estou sempre com eles... Visito cada aluno, uma vez por semana (caso não existam percalços, pois aí, visito-os mais vezes!) e compareço para as avaliações intercalares... Para ver se está tudo bem... E para as avaliações finais!

Hoje... para além de orientar Estágios do 3º ano também lhes dou umas aulas... (risos)... Sou assistente de duas disciplinas... sou de Ética e Deontologia, e de Enfermagem Infantil e Pediátrica! É giro!

E – Ok! Continuando... E agora relativamente ao SUP... Já tinhas dito... Portanto trabalhas no SUP há 7 anos?

E1 – Sim! Faz este ano os 7!

E – Qual é o vínculo que tens neste momento?

E1 – No Hospital pertença ao Quadro, e na Escola sou contratada...

E – E agora, relativamente ao teu percurso como Enfermeira Orientadora de alunos em Estágio (não no papel de Docente, mas no papel de Enfermeira do Serviço)... Diz-me lá qual foi o teu percurso de orientação de alunos ao longo de toda a tua carreira...

E1 – Bem... o que te interessa mesmo... segundo percebi... é o meu percurso como Enfermeira Orientadora de alunos em Ensino Clínico mas, na qualidade de Enfermeira pertencente a um serviço específico/Instituição... Não é?... E não como Enfermeira Docente, responsável pelo Ensino Clínico dos alunos de uma Escola... numa dada Instituição! É isso, não é?

E – Sim! Isso mesmo! Sim é a tua experiência como Enfermeira Orientadora do serviço... No serviço... Portanto, ligada à prestação directa de cuidados...

E1 – Ok! Então, o meu percurso de orientação de alunos, tem-se baseado fundamentalmente, nas oportunidades fornecidas pela Instituição... Pelo Hospital de um modo geral e pelo SUP em particular... Pronto... Não é uma

coisa que dependa directamente, só de mim... Quanto ao meu percurso, especificamente...Aaaa... Na qualidade de Enfermeira Orientadora, pertencente a um serviço... Aaa... Essa experiência limita-se somente ao SUP... Nunca orientei alunos em mais sítio nenhum... Nunca passei por mais nenhum sítio onde houvessem alunos... Sempre trabalhei neste Hospital e neste serviço... Agora, mais recentemente é que tive oportunidade de orientar alunos de Enfermagem mas... Na qualidade de Enfermeira da Escola... Docente, portanto... Não é na qualidade de Enfermeira do serviço...

E – Pois... Então e desde quando ou, há quanto tempo é que orientas alunos?

E1 – Aaa... Bem, então... Comecei a orientar alunos com um ano de prática profissional! É isso mesmo! Na Escola, como Docente, é que a minha experiência começou só em 2004... até hoje... E espero que continue daqui a muito tempo! (risos)

E – Ok... já entendi... Ora bem, voltando um pouco atrás... até agora orientaste 6 alunos no total da tua carreira e todos no SUP... Certo?

E1 – Sim, certo!

E – Ok... E de que anos? Estágios obrigatórios ou opcionais?

E1 – Deixa ver... então, foram só alunos do 3º e 4º ano! Olha... Aaa... Os do 3ºano eram estágios obrigatórios, não é? Portanto, eram Estágios que faziam parte do Plano de Estudos ou Curricular... E os do 4º ano eram Estágios de carácter opcional, ou seja os alunos é que escolheram o SUP como campo de estágio... Não é? No 4º ano do Curso, é que a gente pode escolher o último Estágio... para fazer tipo... Aaa... Integração à Vida Profissional... É aquele campo de Estágio que eles escolhem, que normalmente depois passa a ser o futuro local de trabalho deles... Há montes de alunos que... se o Estágio correu bem... Depois ficam lá a trabalhar como profissionais! E nós temos mais que um exemplo desses no SUP...

E – Pois... Olha e orientaste mais do que um aluno em simultâneo?

E1 – Não! Nunca aconteceu orientar mais do que um aluno no SUP...

E – Ok... Falando agora da motivação para a orientação de alunos... Diz-me quais são as tuas motivações...

E1 – Para mim, a maior motivação relacionada com a orientação de alunos... Aaaa... Prende-se com duas condições: a primeira é a de que, transmitir

conhecimentos a alguém e contribuir para o seu processo de aprendizagem, é extremamente gratificante, e por isso, por si só é motivador... E em segundo, por achar que ao orientar alunos, acabo por orientar ou reorientar, a minha prática profissional, exigindo uma reciclagem do saber a todos os níveis, mais sistematizada e direccionada para objectivos mais específicos.

E – Pois... E de quem é que partiu a proposta para orientares alunos?

E1 – Aaaa... Bem... Orientar alunos, foi algo que sempre fez parte dos meus planos desde muito cedo... Mas, de certo modo, nunca pensei ficar tão cedo responsável por alunos... (risos)... A primeira proposta para orientar alunos, surgiu por parte da minha segunda chefe de serviço, do SUP, que achou que devia apostar numa recém-formada para orientar alunos de enfermagem... E eu, aceitei com muito gosto! Mas, realmente, nunca esperei orientar assim com tão pouco tempo de profissão... (risos)

E – Pois... E agora explica-me, o que significa para ti, orientar alunos?

E1 – Então... Orientar alunos... É poder contribuir para a formação profissional de alguém... É sentirmo-nos úteis, e importantes fontes de informação e conhecimento... É deixar o nosso contributo, e a nossa “marca” em alguém... É ter o poder (de certo modo...), de influenciar o percurso de aprendizagem de alguém... De uma pessoa... De um futuro profissional... De um futuro colega de trabalho!

E – E quanto às competências? Que competências é que o enfermeiro orientador deve ter?

E1 – Sem dúvida nenhuma que as competências básicas de um orientador, isto na minha opinião... Ou seja, são as que mais valorizo... São a disponibilidade que devemos demonstrar e proporcionar ao aluno... Nós estamos ali para ele... Disponíveis para lhe dar atenção e apoio naquilo que ele precise... A assertividade... Ou seja, devemos ser claros, objectivos e directivos no nosso discurso... Sem querer ferir susceptibilidades, claro! Mas, chamar a atenção quando temos de chamar e elogiar quando temos de elogiar... E claro, ser detentores de conhecimentos teórico-práticos sólidos e bem argumentados...

E – Em relação às estratégias pedagógicas... Que tipo de estratégias é que tu usas na orientação de alunos? Dá-me exemplos...

E1 – A estratégia que eu uso à priori, é a de tentar conhecer o aluno... Que tipo de pessoa é... Introverso, expansivo... Muito calado mas interessado...

Observador ou desinteressado... Pronto... Para depois decidir então qual a abordagem que eu lhe irei fazer... Por exemplo, se o aluno é introvertido mas, é interessado... Aaa... Do género, não fala muito mas procura observar e aproximar-se de situações novas... Eu, neste caso, deixo-o primeiro ambientar-se ao serviço, á dinâmica... E espero que ele venha até mim... Devagarinho... Ao ritmo dele... Para depois podermos então falar mais abertamente, e organizar o estágio em si... Ou seja, o objectivo de proporcionar um bom estágio ao aluno é sempre constante mas, a maneira como faço para chegar a esse objectivo, vai variar conforme o próprio aluno, porque temos que respeitar os tempos de cada um... Pronto... Mas, portanto, a primeira coisa é conhecê-lo, depois é então, explicar as “regras do jogo”, depois passamos á fase do ver como se faz para fazer a seguir... Ou seja, deixo-o observar como se actua em diversas situações, ficando ele com um papel mais passivo, nesta altura... Com o intuito de tornar essa atitude inicialmente passiva, para uma atitude gradualmente mais activa, até chegar á autonomia... Mas sempre comigo por perto! Claro! Comigo, ou com algum colega... Sozinho nunca!

E – Pois... E como é que transmites e mobilizas os saberes?

E1 – Bem... Para isso tento escolher os melhores momentos... Ou pelo menos os momentos mais calmos... Porque, no SUP, nem sempre dá para pararmos o que estamos a fazer e explicar ao aluno o que está a acontecer naquele momento... Mas de qualquer forma, tento sempre fazê-lo... Se não der na hora, fazemos mais tarde, mas fazemos! E pronto, tento identificar a situação ocorrida, ou o incidente crítico, ou pressupostos incidentes críticos... Até mesmo fictícios... E explico de seguida... O porquê de ser assim e não de outra forma... O como se resolveu... O que ficou por resolver... E como melhorar numa próxima vez... Outra forma que uso, é a de confrontar o aluno com situações vivenciadas por ele... Interrogá-lo acerca do porque é que fez duma maneira e não de outra... E tentar de alguma forma, colmatar as suas lacunas com o proporcionar de experiências relacionadas com essas lacunas... Por exemplo, se o aluno tem dificuldade em aspirar secreções... Então é aí que vamos batalhar e investir... Proporcionando-lhe o maior número possível de experiências deste tipo... Etc.

E – E sempre actuaste desta forma?

E1 – Sim! Basicamente, sim! Por exemplo, se acontece algo de mais grave, se o aluno fez alguma coisa mal... Aaaa... Tem que se explicar a situação e as circunstâncias do acontecido... Assim como as consequências que daí advêm, e quais as estratégias a adoptar no futuro, para que a mesma situação não se repita... Mas, para mim... Tão importante, ou ainda mais importante que tudo isto, é mesmo o aluno assumir o seu erro... Assumir que falhou... E assumir as consequências... Porque, de facto, para mim como orientadora, reconheço que sou muito mais exigente com aspectos que estejam relacionados com a postura, com a responsabilidade, do que propriamente com saberes teórico-práticos... A técnica aperfeiçoa-se com o tempo... Agora, alterar ou modular aspectos que têm a ver com o próprio carácter, é um grande desafio... E é um desafio onde eu gosto de apostar...

E – Ok... Em relação á forma como fazes a gestão ou a organização do estágio...

E1 – Depois do aluno se ambientar ao serviço... Ou seja, no final do primeiro turno... Ou a meio... E depois de eu lhe dar uma visão geral da dinâmica e funcionamento do serviço... Reunimos e planificamos o estágio todo... E combinamos desde logo, falar e reunir quando e assim que cada um achar pertinente, independentemente da hora, do turno, ou do que quer que seja... Quando algum de nós sentir necessidade de o fazer... É para fazer sem adiar... Ou seja, não deixar passar nada ao acaso... Tudo é importante, todas as dúvidas são importantes... Todos os sentimentos e medos são importantes e passíveis de serem partilhados...

E – E sempre fizeste assim?

E1 – Sim... Sempre tentei planificar as coisas todas no primeiro dia de estágio... Mesmo que o tenha feito só ao fim do turno... Porque acho que é importante para os alunos terem logo tudo organizado desde início... Depois vamos fazendo os devidos ajustes ao longo do estágio...

E – E em relação às actividades desenvolvidas pelos alunos? Colaboras? Como?

E1 – Sim! Tento contribuir com os meus próprios conhecimentos, ou com bibliografia que tenha disponível para lhes emprestar... No entanto, tento não meter-me muito nos trabalhos deles, porque como são académicos, propostos

pela escola deles... Posso estar a meter-me, e sem querer posso induzi-los por um caminho que não é o que a escola deles defende... Mas, quando são actividades que tenham a ver com o contexto estágio, não se coloca tanto este problema... Porque aí já é ao contrário... Aí já estão no meu contexto... Mas, normalmente, os alunos que eu tenho orientado quando chegam, já trazem trabalhos pedidos pelas escolas... Nem que seja um estudo de caso... No entanto, como já aconteceu, se não trazem nenhum trabalho para fazer durante o estágio, eu sou capaz de lhes pedir para fazerem algo...

E – Agora explica-me como fazes a supervisão e a avaliação do aluno...

E1 – Pronto... Isso já falei um pouco atrás que, primeiro o aluno tem um papel mais passivo, que vai passando gradualmente a activo, com vista a atingir a autonomia... E portanto, ele só vai evoluindo para a autonomia se for fazendo as coisas bem... Através da minha supervisão e avaliação contínua do desempenho dele... Não fazem nada sozinhos... Isso fica claro desde o primeiro dia... Agora de uma maneira mais específica... Faço assim... Habitualmente, eles estão mais ou menos, 6 semanas no serviço... O que costumo fazer é dividir o número total de turnos por 4... E portanto, o número que der, corresponde ao número de turnos que o aluno vai ficar em cada posto de trabalho... Por exemplo: se o número total de turnos é 24, o aluno vai ficar 6 turnos em cada posto... Ah! E também sigo uma determinada ordem, que no meu ver é a ordem mais lógica, para o aluno perceber o funcionamento do serviço desde início... Por isso, ele começa na Triagem (que é a porta de entrada da Urgência...), Sala de tratamentos e depois passa no S.O (Sala de Observações); apesar de haver mais um posto de trabalho, que é a Urgência de Cirurgia/Ortopedia e Otorrino, eu não faço lá turnos com o aluno, por ser um sítio onde nem sempre há muitas situações interessantes... E por isso, neste caso, os últimos 6 turnos que sobram, Eu faço assim: ou o aluno repete os postos onde sentiu maior dificuldade (este facto é discutido normalmente, na avaliação intermédia do estágio, que eu faço em conjunto com ele), ou se está tudo bem, e se o aluno teve um bom desempenho em todos os postos... Eu deixo-o escolher o posto onde ele quer ficar, tipo bónus... (risos)...que normalmente é a Triagem, é o posto que eles gostam mais... No entanto, ainda em relação ao posto que fica, digamos assim em “falta” (a Urgência da Cirurgia/Ortopedia e Otorrino), quando há situações novas, e interessantes

para o aluno, ele acompanha a situação em causa, e eu também... Para depois voltarmos ao “nosso” posto de trabalho...

E – E sempre agiste desta forma?

E1 – Quase sempre! (risos)... Claro que, quando comecei a orientar, corria os postos todos direitinhos... Sem excepção... Depois é que fui ganhando experiência, quer como profissional, quer como orientadora, o que me foi permitindo desenvolver a minha própria autonomia para agir hoje desta forma... E faço desta maneira, porque acho que é a mais indicada para o aluno... Os estágios são para aprender, e para aprender eles têm que presenciar o maior número possível de experiências, por isso... A melhor forma de o fazer, na minha opinião... É desta forma!

E – Ok... Fazendo agora, tipo um balanço de todo o teu percurso de orientadora... Diz-me quais foram os momentos mais marcantes ao longo desta tua experiência... Momentos positivos, e menos positivos...

E1 – Olha... Para mim... Um dos momentos mais marcantes, foi quando fiquei pela primeira vez com um aluno que teve um desempenho um pouco aquém dos objectivos do estágio... Era esquisito o rapaz... Sentia-o com a cabeça noutro sítio qualquer, menos no estágio! Mas, ele tecnicamente até nem era mau... Tinha era uma postura de pouco interesse, sei lá, envolvia-se pouco nas coisas, mas isto durante todo o processo de estágio! Era do género, fazia o que tinha que fazer e pronto! Mais nada! E quer dizer... Perante este quadro, a minha atitude foi confrontá-lo com a situação! E digo-te já que foi das coisas mais complicadas de fazer neste meu papel de orientadora... Porque é complicado chegar ao pé de alguém e dizer que não está a agir da melhor forma... E que por isso, o estágio não está a correr da melhor maneira... É preciso mudar de atitude, de estratégia, de postura, para se tentar de alguma forma dar a volta á situação, e fazer do estágio um momento feliz de aprendizagem... E este tipo de coisas... É complicado dizer estas coisas, sem magoar a pessoa, e sem assustá-la... Mas, eu como orientadora tinha mesmo de o fazer... Não havia outra hipótese! E fiz! E apesar de me ter custado, a mim e ao aluno... Que acabou por aceitar bem, e até mudou um pouco de atitude... Tornou-se mais activo e interessado, e tudo... E desta forma, o estágio até acabou por correr melhor... Não lhe dei uma nota brilhante mas, tenho a certeza de que se eu não tivesse optado por falar com ele... A nota e o

estágio teriam corrido bem pior... E pronto! Esta situação é a que eu classifico de menos positiva... Por causa da dificuldade que senti ao resolve-la... E o mais importante disto tudo, foi ter realmente aprendido que é mesmo importante não deixar passar nada em claro... Que é importante falar quando as coisas não estão a tomar o rumo certo... Hoje, perante a mesma situação, tomaria o mesmo tipo de atitude, por achar que é a correcta, e ter dado resultado da primeira vez...

E – Pois... E agora uma situação positiva, que te lembres...

E1 – Ah! Essas são mais fáceis de identificar e de enumerar... Porque, são muito mais do que as negativas! E ainda bem! (risos)... Posso começar, por exemplo, por dizer que é muito bom quando vez um aluno teu a fazer um ensino com as tuas próprias palavras... É engraçado! Porque, depois de tu explicares como se faz, e depois dele ver *"in loco"* eu a fazer... Quando chega a vez dele fazer... Vez que ele usa as tuas expressões... Não numa de te agradecer... Mas, porque ele achou que se calhar aquele mesmo discurso era o correcto... E por exemplo, é bom vê-los inventar brincadeiras para convencerem os miúdos... E alguns até têm bastante sucesso! E até já aprendi umas brincadeiras novas com alguns alunos!... Que uso ainda hoje! O que é realmente positivo para mim, é vê-los crescer e evoluir durante o estágio... E não estou a falar exclusivamente da parte técnica! Para mim é muito mais gratificante vê-los crescer como pessoas... Como futuros profissionais cuidadores... Atentos á linguagem não verbal dos miúdos, atentos aos pequenos pormenores menos evidentes à primeira vista, atentos aos pais, quer ás queixas deles, quer ao próprio relacionamento deles com os filhos... Etc...

E por outro lado, outro tipo de situação positiva é o facto de tu como orientadora... Teres que fazer um investimento teórico suficientemente sólido e abrangente, para poderes conseguir responder ás questões dos alunos... E tens que desenvolver muito bem a tua capacidade de argumentação... Porque tens que explicar porque é que fazes duma maneira e não de outra... Tens que estar sempre actualizada, e tens que para isso, ir reciclando os teus saberes... Quem tem alunos a seu cargo, não pode parar no tempo... Porque se não... Aí os alunos é que vão orientar os enfermeiros! (risos)

E – Pois!... Mas então, mais especificamente, diz-me se alteraste algum comportamento, estratégia ou postura, como fruto da reflexão sobre esses momentos... Ou sobre o teu percurso de orientação...

E1 – Bem... Acabamos sempre por alterar alguma coisa... Mesmo que seja de uma forma mínima, eu acho que sempre se altera qualquer coisa...No “meu território” onde pratico a minha profissão, tento ser uma pessoa, simultaneamente, divertida e responsável. Durante a orientação de alunos... A parte da diversão... Tem de ser mais contida e controlada... Ou seja, tenho de transmitir e demonstrar o “saber ser” e o “saber estar”... Ou seja é a postura e atitude “*by the book*”... (risos)... O que não é muito difícil de conseguir (a idade e a experiência tudo traz)... Mas, de facto, é sempre um esforço acrescido, passar a imagem do que se deve ser, ou estar, ou fazer... Isto porque acredito que, uma vez mal aprendido... Mal se irá fazer durante toda a vida! Já para não falar naquele velho ditado do “*faz aquilo que eu digo, e não faças o que eu faço*”... (risos)... O aprender os princípios, interiorizá-los como manda a regra... É difícil, pode ser complicado mas, é necessário! Mas, no entanto, explico-lhes sempre que na prática dos cuidados, existe uma necessidade constante de nos adaptarmos... E que alguns dos princípios têm, ou devem ser, adaptados, ou até mesmo, readaptados... Sendo que, nestes casos o importante é não perder o norte... (risos)

E – E agora em relação a dificuldades que tenhas tido ou sentido, durante todo o processo...

E1 – Dificuldades... Dificuldades de maior... Acho que não... A não ser aquele caso que te falei há bocado... O do tal aluno, que eu tive de falar com ele, porque as coisas não estavam a tomar o rumo certo... No entanto, ser orientador não é uma tarefa propriamente fácil e simples... O que eu acho é que, até agora tive muita sorte... (risos)... Não tive situações extremamente complicadas, nem difíceis... Mas isto, como enfermeira orientadora no SUP... Porque como orientadora docente, já passei por situações mais complicadas de gerir... Por exemplo, como acompanho os alunos no período teórico... Na escola, a dar-lhes aulas... E no período prático... Em estágio nos diferentes serviços... Na fase teórica, tento mostrar-lhes, ou explicar-lhes com exemplos práticos, ou situações que já me sucederam... Pronto, tento demonstrar mais ou menos, o contexto real dos cuidados, o que me é difícil, e o que me custa

depois é, chegar ao estágio (de carácter não presencial, para mim), e sentir e ouvir apreciações, ou depreciações mais propriamente, dos enfermeiros desses serviços, em relação aos meus alunos... É frustrante não ver frutos do nosso trabalho... Do nosso investimento...

Outra dificuldade que me foi difícil gerir, mas no papel também de orientadora da escola, teve a ver com o lidar com falhas graves a nível do carácter dos alunos... Tipo mentiras, manipulações, falta de assertividade, uma competitividade extrema entre eles, a falta de espírito de equipa e entreatajuda... Bem, situações complicadas... De maldade mesmo!

E – Pois... E como é que ultrapassaste isso tudo? E que contributos retiraste para a tua função de orientadora?

E1 – Então... Tive de manter a calma... Contar até dez... Respirar fundo... (risos)... E pensar que tudo se ía resolver da melhor maneira! E, pus as cartas na mesa... Falei abertamente, com os alunos e eles reconheceram que, de facto, eu tinha razão... E depois acabaram por adoptar outra postura, mais cooperante... (risos)... Agora, em relação aos contributos... Aaa... Julgo que o facto de experienciar este tipo de situações... Aaa... Fazem-nos sempre “alargar as costas”... (risos)... Como se costuma dizer!... Mas, com isto... Acabamos depois, por jogar mais à defesa... E assim, é uma forma de nos acautelarmos para futuras situações deste tipo... Mas falando mais especificamente do SUP... O meu lema como orientadora de alunos, é dar o máximo de liberdade ao desempenho dos alunos, mas atenção! Ao mesmo tempo, exijo-lhes o máximo de responsabilidade! E aviso-os desta condição logo desde o primeiro momento! E depois, se jogaram conforme as regras... Safam-se, se não jogaram conforme as regras... Acabo por ser mais incisiva, restringindo-lhes os passos... E, por outro lado, se eles não me mostrarem espontaneamente, o que sabem... Sou mais inquiridora e também mais inquisidora... (risos)... E adquiero uma postura mais controladora sobre o desempenho dos alunos... Muito mais!

E – Então e como profissional? Alteraste algum comportamento ou postura como enfermeira prestadora? Na tua prática profissional...

E1 – Como enfermeira mesmo... Quer dizer... A nível técnico, acho que não alterei nada de especial... Tento fazer sempre as técnicas o melhor que sei, respeitando os princípios da assepsia... Etc... Agora a nível da minha postura

em si... Aí já é diferente! Claro que a orientação de alunos influenciou em alguns aspectos... Como por exemplo, hoje em dia sou muito mais pragmática em relação a tudo... (risos)... Questiono muito mais o porquê das coisas, porque é que se faz assim? Porque é que mudaram uma determinada coisa? Porque é que dantes se fazia, e agora deixou-se de fazer? Porque é que inventaram mais um papel ou um documento para preencher? Sei lá... Sinto-me mais reivindicativa... E refilona... (risos)... E por outro lado, sinto que tenho uma maior capacidade de argumentação, porque esta coisa de orientar alunos, obriga-nos a estudar, a investir, a pesquisar a procurar diversas coisas... E assim, vamos cultivando também a nossa mente, o que se vai reflectir na nossa própria prática do dia-a-dia... Quer como profissionais que somos, quer como pessoas! Para além de que a orientação de alunos proporciona-nos lidar com diferentes tipos de pessoas... Umas com bom carácter, outras nem por isso... Umas humildes, outras falsas... Umas com dificuldade em aceitar críticas, outras submissas e com falta de auto-confiança... Enfim... Imensa gente! E nós ao interagirmos com toda esta panóplia de personalidades, vamos ficando mais ricos no que se refere às relações humanas... A mim já não me assusta lidar, por exemplo, um aluno com falta de interesse... Porque como já passei por isso, já sei como fazer para resolver a situação... No entanto, é sempre mau ter um aluno assim mas, já não fico tão apreensiva ou preocupada, porque já não é a primeira vez que acontece... (risos) Da mesma forma que, quando tenho algum problema com um colega de trabalho, tenho muito mais facilidade em resolver a questão e falar abertamente sobre ela, do que há uns anos atrás... Que me sentia mais reprimida... Embora defenda, desde sempre, que se devem falar sobre as coisas na própria altura, para ficar tudo esclarecido... Mas, para mim era, de facto, mais difícil de falar, do que no presente...

E – Pois... Bem e agora para finalizar... E fazendo assim, tipo um resumo... Que tipo de aprendizagens adquiriste tu, ao longo de todo o teu percurso de orientadora?

E1 - Aprendi a voltar a ser aluna, ou melhor a recordar esse papel... Ou seja, tentar colocar-me no mesmo nível, para poder identificar eventuais dificuldades que pudessem surgir... Para mim, esta passagem de um campo para outro, é bastante importante, e extremamente útil... Aprendi que, muitas das

dificuldades pelas quais passei enquanto aluna, poderiam ser também as dificuldades dos alunos por mim orientados...

Aprendi que muitas das bases da Formação Inicial, incluindo modelos e posturas inculcadas pelas minhas professoras, acabaram por vezes, mesmo numa forma subtil, por passar para os meus alunos... Ou seja, o que me foi inculcado na escola, durante o curso de enfermagem, eu como orientadora, passei para os meus alunos comportamentos e posturas, por mim aprendidas enquanto aluna...

Aprendi também, ao longo de todo o meu trajecto de orientadora que, actualmente, de um modo global, há alunos que esquecem ou não têm em consideração aspectos tão simples e básicos como a humildade, e uma postura profissional adequada... É triste, mas é verdade... Nunca esperei encontrar alunos assim... Mas encontrei, e muitos! Portanto, nesta perspectiva... Aprendi muito no que diz respeito às relações humanas... Como já disse, anteriormente.

Aprendi muito, também em relação à parte da teoria em si... O facto de ter alunos, faz com que tenhamos de estudar e pesquisar sobre diversos assuntos, para estar à altura das perguntas pertinentes e dúvidas que os alunos nos põem... Por isso, aprendi e aprendo bastante com as pesquisas que tenho que fazer...

Aprendi sobretudo que tenho uma necessidade enorme de transmitir conhecimentos a alguém... E simultaneamente, que tenho uma enorme necessidade em aprender também com esse alguém... E de facto, a orientação de alunos é a actividade que vem colmatar estas minhas necessidades... É como se fizesse sentido, o facto de irmos aprendendo ao longo da vida...